



Horta CCICA: Integração e Desenvolvimento de Adolescentes em Vulnerabilidade Social

Ana Regina Dahlem Ziech¹
anaziech@utfpr.edu.br

Silvana Agüero Nunes²
silagueronunes@gmail.com

Márcia Cristina dos Santos³
marcia.holdefer@hotmail.com

Camila Roberta Pereira⁴
camilarobertapereira@hotmail.com

1 Dra. em Agronomia, Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR câmpus Santa Helena, Coordenadora do projeto de extensão.

2 Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela UTFPR câmpus Santa Helena.

3 Graduanda do curso de Bacharelado em Agronomia pela UTFPR câmpus Santa Helena.

4 Graduanda do curso de Bacharelado em Agronomia pela UTFPR câmpus Santa Helena.

RESUMO

O envolvimento com atividades de horta é uma excelente oportunidade para recreação educativa, além de propiciar conhecimentos e despertar habilidades. Assim, o trabalho teve por objetivo envolver os adolescentes em oficinas de cultivo e manutenção da horta, promover a autoconfiança e fortalecimento de vínculos afetivos. Foram realizadas seis oficinas, onde os participantes tiveram contato com o solo, às plantas e as práticas de cultivo agroecológicas. O trabalho contribuiu para a valorização do trabalho em equipe, compreensão sobre a produção de alimentos e hábitos saudáveis, permitindo aos adolescentes a experiência de cultivar hortaliças orgânicas que chegaram à mesa de suas famílias. Promoveu o envolvimento direto da universidade com a comunidade e atuação efetiva dos graduandos em problemas reais, bem como o estímulo ao olhar mais solidário para o próximo e maior visibilidade da instituição de ensino junto à sociedade.

Palavras-chave: Ação e Integração social. Agroecologia. Extensão UTFPR. Formação humana.

ABSTRACT

Involvement with garden activities is an excellent opportunity for educational recreation, in addition to providing knowledge and awakening skills. Thus, the work aimed to involve adolescents in workshops for cultivating and maintaining a vegetable garden, promoting self-confidence and strengthening affective bonds. Six workshops were held, where participants had contact with the soil, plants and agroecological farming practices. The work contributed to the valorization of teamwork, understanding about food production and healthy habits, allowing teenagers the experience of growing organic vegetables that arrived at the table of their families. It promoted the direct involvement of the university with the community and the effective performance of the students in real problems, as well as the encouragement to look more sympathetically towards others, and the greater visibility of the educational institution with society.

Keywords: Action and social integration. Agroecology. UTFPR extension. Human formation.

1 Introdução

Caracterizada como um espaço de aprendizado, e promotora de trocas interpessoais numa perspectiva horizontal entre os envolvidos, a horta pode contribuir para troca de conhecimento e experiências durante sua execução. Neste aspecto, o cultivo de hortas também pode se caracterizar num espaço de promoção de cuidados, compreendido a partir da participação ativa dos sujeitos e da sociabilidade, resgatando e construindo vínculos de cuidado consigo, com o outro, e com a natureza (COELHO; BOGUS, 2016).

O envolvimento com as atividades de horta pode propiciar conhecimentos e despertar habilidades relacionadas ao planejamento: plantar, regar, cuidar, colher e selecionar os alimentos de forma adequada para o consumo. Esses conhecimentos podem ser transportados para a vida familiar das crianças e adolescentes, estimulando a construção dos princípios de responsabilidade e comprometimento com a natureza, além de promover a valorização das relações com a comunidade (HORTA SOLIDÁRIA, 2017) e até mesmo familiares.

Além disso, para Chierrito-Arruda et al. (2018) as hortas possuem o potencial de promoção de vivências afetivas e de resgate das tradições familiares e comunitárias. Pois, conforme Abramovay et al. (2002) a carência de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização, são uma das consequências negativas vivenciadas pelas crianças e adolescentes em vulnerabilidade social.

Ainda considerando as consequências na formação humana, Pereira (2010) destaca que o contexto de vulnerabilidade social, gera crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes. E complementa ainda, que “as pessoas desde muito jovens, percebem-se como inferiores, incapazes, desvalorizadas, sem o reconhecimento social mínimo que as façam crer em seu próprio potencial como ser humano”.

Nesse sentido, o projeto surgiu visando atender a necessidade do Centro de Convivência Integral da Criança e do Adolescente (CCICA), por ações que proporcionassem aos adolescentes o contato com o solo e as plantas, a aproximação com atividades e cuidados necessários para produção de alimentos, de forma que houvesse o compartilhamento de tarefas em grupo, estímulo ao senso de pertencimento e responsabilidade, de forma que, contribuíssem na redução dos problemas disciplinares dos jovens.

Nessa perspectiva, buscou-se oportunizar aos adolescentes do CCICA, o envolvimento em atividades de cultivo e manutenção da Horta, proporcionando vivência e participação efetiva na produção de alimentos saudáveis. Indiretamente buscou-se fortalecer e promover a autoconfiança através do encorajamento ao desenvolvimento de suas potencialidades, bem como os vínculos familiares e comunitários.

2 Metodologia

O projeto de extensão “Horta escolar como ferramenta de apoio para o desenvolvimento de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social” foi desenvolvido junto ao CCICA, localizado no município de Santa Helena – PR, através de oficinas (ações educativas) realizadas pela equipe executora composta por oito discentes voluntários dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharelado em Agronomia, juntamente com docentes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, Campus Santa Helena.

Inicialmente, foram efetuadas reuniões entre a equipe executora do projeto e a administração da entidade para organização das atividades e cronograma de execução. Na oportunidade, foi realizado o levantamento do histórico, equipamentos, infraestrutura e funcionamento da horta já existente no local, visando possibilitar o planejamento e organização das ações educativas aos adolescentes e demais pessoas pertencentes à comunidade interna do Centro de Convivência.

As ações educativas foram realizadas de setembro a novembro de 2019, com encontros quinzenais, através de oficinas divididas em dois momentos: 1) atividades teóricas e 2) práticas. A teoria foi apresentada de forma expositiva dialogada, utilizando videoprojetor como recurso didático para a exposição de informações básicas, esquemas e ilustrações relacionadas a cada tema específico, com limite de tempo de vinte minutos. A parte prática consistiu na execução de atividades relativas a todas as etapas da produção de hortaliças, de forma sequenciada, desde o reconhecimento das principais ferramentas; escolha do local; adubação orgânica e preparo dos canteiros; semeadura direta; produção e transplante de mudas; formas de irrigação e sensibilização quanto ao uso racional da água; métodos alternativos de controle de insetos pragas e doenças; manejo das plantas espontâneas e colheita. Todas as orientações técnicas e práticas executadas foram baseadas em princípios da agroecologia, de forma a transmitir a possibilidade de produção de alimentos saudáveis, respeitando o meio ambiente e preservação dos recursos naturais.

As oficinas foram realizadas com o mesmo grupo de adolescentes, entre 12 e 17 anos de idade, frequentantes do CCICA, em número variável de participantes, entre 8 e 18 integrantes em cada uma das oficinas, sempre acompanhados da educadora (funcionária responsável pela turma), por integrantes da equipe da administração da entidade e pelo funcionário responsável pela horta.

Previamente à realização de cada oficina, a equipe executora realizava encontros semanais para estudo e discussão dos temas, oportunizando assim, o preparo dos acadêmicos através do embasamento teórico e participação ativa na tomada de decisões, e organização das atividades. Além disso, as reuniões frequentes entre a equipe possibilitaram a avaliação e ajustes constantes das ações realizadas através das observações dos diferentes integrantes. De acordo com Sebrão et al. (2019) a ação-reflexão-ação permite a construção de saberes através das ações e práticas desenvolvidas, levando a uma postura crítica e reflexiva.

Em três das oficinas, foram realizadas avaliações do aprendizado dos participantes, previamente e posteriormente a realização das atividades, por meio de direcionamento de questões verbalizadas ao coletivo, de forma que todos pudessem responder instintivamente, bem como, complementar a resposta do colega. Ao final do projeto foi oportunizado momento de socialização das experiências vividas e exposição das opiniões a respeito da importância do projeto para cada um dos adolescentes.

Foi realizada ainda a avaliação das ações do projeto através do levantamento de opiniões e relatos, pelos membros da equipe executora e pela administração da entidade atendida por meio do preenchimento de formulário com questões abertas.

3 Resultados e discussão

A primeira oficina contou com a participação de todos os acadêmicos universitários integrantes da equipe executora. De forma breve, foi realizada uma aproximação com os adolescentes através da apresentação da equipe e das ações que seriam desempenhadas em conjunto ao longo do determinado período.

As ações desenvolvidas na primeira oficina foram relacionadas a escolha do local para estabelecimento da horta, sobre o preparo do solo, apresentação das principais ferramentas utilizadas e da função de cada uma delas. No espaço da horta, os adolescentes se mostraram muito entusiasmados, pois nitidamente era uma das poucas vezes que estavam realmente tendo o contato com o preparo da “terra” para plantar. Enquanto um grupo ajudou na demarcação dos canteiros, os demais ajudaram na aplicação do calcário, adição do adubo orgânico e revolvimento do solo (Figura 1).

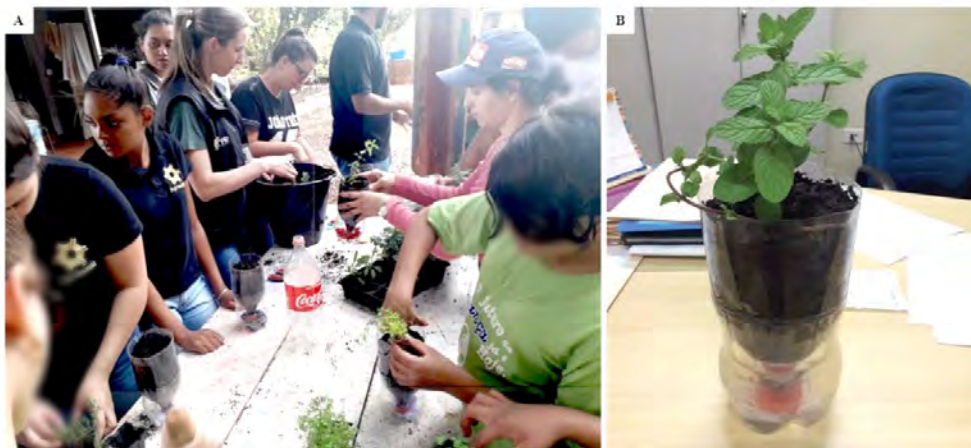
Figura 1. Oficina sobre escolha do local e instalação da horta: (A) apresentação das ferramentas, (B) demarcação dos canteiros, (C) aplicação de corretivo e adubação orgânica e (D) preparo dos canteiros para cultivo de hortaliças.



FONTE: Arquivo do projeto.

Considerando a realidade de muitas famílias que residem em pequenos espaços dentro dos centros urbanos, foi apresentada a possibilidade de cultivar plantas em pequenos espaços, através de vasos autoirrigáveis com garrafas pets recicladas e barbantes. Os participantes confeccionaram seus próprios vasos e plantaram a espécie condimentar disponível (salsa, cebolinha, hortelã, manjerona e tomilho) conforme sua preferência, uma vez que puderam levar para suas casas (Figura 2). Instigando assim o interesse pelo cultivo através da extensão do projeto para as residências das famílias dos adolescentes participantes.

Figura 2. Preparo e plantio dos vasos autoirrigáveis pelos adolescentes (A) e vaso pronto para cultivo em pequenos espaços (B).



FONTE: Arquivo do projeto.

De modo a viabilizar o acesso ao alimento cultivado na horta, ao final de todas as oficinas, havia o momento denominado “hora da colheita” em que todos os participantes, de forma organizada e orientada, podiam colher algumas hortaliças e levar para suas casas (Figura 3). Para tornar a ação mais sustentável e evitar o uso de sacolas plásticas, a equipe executora confeccionou sacolas retornáveis a partir de camisetas velhas arrecadadas através de doação e embalagens de ração animal. Cada participante recebeu uma sacola retornável para levar seus alimentos, que foi utilizada em todas as oficinas. Foi perceptível o interesse pelo cultivo da horta, principalmente quando souberam que poderiam levar para casa as hortaliças cultivadas.

Figura 3. “Hora da colheita” de hortaliças e acondicionamento nas sacolas retornáveis sustentáveis para consumo pelos adolescentes e suas famílias.



FONTE: Arquivo do projeto.

Na oficina “Semeadura direta: colocando a semente no chão” foi realizada abordagem sobre os diferentes preparos do solo (canteiro, sulco ou covas) para semeadura das hortaliças e apresentados os vários tipos de sementes de hortaliças, com diferentes tamanhos e formatos (Figura 4 A), alertando para os cuidados técnicos ao semeá-las diretamente no solo. Na prática foi realizada a semeadura de girassol e abóboras em covas, milho para consumo *in natura* em linhas e hortaliças como beterraba, rabanete e cenoura em canteiros (Figura 4 B).

Figura 4. Oficina semeadura direta de hortaliças, demonstração dos diferentes tipos, tamanhos e formatos de sementes (A) e semeadura em canteiros (B).



FONTE: Arquivo do projeto.

A oficina sobre “Semeadura indireta: transplante das mudinhas”, contou com as orientações sobre a produção de mudas para plantio posterior em local definitivo. Foi abordado, também, a possibilidade de reutilização de recipientes e materiais descartáveis, sensibilizando para a importância dos cuidados com os resíduos gerados, a correta separação e reciclagem do lixo. Nesse sentido, foram semeadas hortaliças e algumas espécies de plantas ornamentais em embalagens alternativas como: copos feitos a partir de jornal, copos de plástico, recipientes de iogurte, caixas tetrapak e caixas de ovos (Figura 5 A). Cada participante teve a oportunidade de preparar e semear em diferentes embalagens e acompanhar ao longo do tempo o desenvolvimento das mudas. Além disso, foi realizado o transplante de mudas de alface americana, almeirão e rúcula cultivados em bandejas comerciais para os canteiros da horta. Nessa ação houve participação efetiva e colaborativa dos participantes (Figura 5 B). De forma espontânea, alguns adolescentes se mobilizaram para realizar a irrigação manual com uso de regadores, indicando que a atividade promoveu a ação colaborativa e entrosamento dos mesmos.

Figura 5. Oficina semeadura indireta em recipientes e bandejas (A), transplante de mudas nos canteiros (B) e irrigação por gotejamento (C).



FONTE: Arquivo do projeto.

Através da oficina sobre irrigação, buscou-se promover a sensibilização para o uso adequado e racional da água. Inicialmente foi abordada a importância da água para as plantas, comparando de forma associativa com a importância da água para atender as necessidades humanas, buscou-se ainda as formas de disponibilizar esse recurso natural tão precioso às plantas, sem que ocorram desperdícios. Na oportunidade, foram apresentados aos participantes três diferentes sistemas de irrigação (aspersão, microaspersão e gotejamento) geralmente utilizados em hortas maiores e comerciais. A proposta oportunizou a experiência de ver todos funcionando ao mesmo tempo para irrigar os canteiros cultivados pelos integrantes (5 C). Nesse sentido, ao longo da prática foram realizadas explicações dialogadas a partir de comentários e respostas dos participantes durante a observação da irrigação em relação à distribuição e quantidade de água em cada um dos sistemas. O objetivo principal era que os adolescentes percebessem, a partir da comparação, que o gotejamento proporciona maior economia de água em comparação aos demais. Essa atividade despertou a curiosidade de alguns participantes tendo em vista que não conheciam nenhum dos sistemas apresentados. Enfatizou-se que para as hortas domiciliares em pequenos espaços, a irrigação pode ser realizada através de itens acessíveis como regadores e mangueiras.

Outro tema abordado em uma das oficinas foi o manejo de espécies espontâneas no espaço da horta. Inicialmente foi apresentada uma breve explicação sobre o que são plantas espontâneas, sendo possível observar que os participantes possuíam conhecimento das mesmas, todavia pela denominação de “ervas daninhas”, termo empregado pela agricultura convencional, amplamente difundida na região, que trata todas as plantas que não são de interesse de cultivo, como sendo daninhas. Nesse sentido, foi destacada através da abordagem agroecológica a importância ecológica dessas plantas nas áreas de cultivos, como por exemplo, o potencial de serem atrativas a insetos polinizadores e/ou inimigos naturais, e apresentadas práticas de manejo que possibilitem sua manutenção de forma planejada e controlada, de modo a reduzir seu aparecimento em local não desejado.

Foi observado na oficina de plantas espontâneas, que o conhecimento prévio dos participantes indicava a “necessidade” de eliminação através de capina de todas as plantas que surgissem espontaneamente, possivelmente influenciados pela convivência com parentes. Indicando desse modo, que prevalece no senso comum de grande parte das pessoas, a ideia de que plantas não cultivadas são prejudiciais, o que não é verdade absoluta. Para tornar mais didática a importância da manutenção de cobertura do solo, seja

pela manutenção de plantas espontâneas, ou outro tipo de material, foi realizada a prática de simulação de erosão com garrafas pets, cortada longitudinalmente, contendo em uma delas apenas o solo; outra com solo e uma camada de folhas secas em cobertura, e a terceira o solo cultivado com plantas, evidenciando a importância de manter cobertura para evitar o ressecamento e a erosão. Na horta, sobre o leito dos canteiros foi adicionado material vegetal triturado e seco, visando reduzir a população de plantas espontâneas e manter as hortaliças mais limpas (Figura 6 A).

A oficina “Métodos alternativos para controle de pragas” contou com a apresentação de imagens das principais pragas e doenças que ocorrem na horta e as possíveis formas de controle alternativo, sem o uso de agroquímicos. Na prática foram confeccionados junto aos adolescentes, armadilhas coloridas de captura de insetos e pragas. Para tal, foram utilizadas garrafas pets de 500 ml, previamente tingidas de amarelo e adicionado cola entomológica para aderência dos insetos. Cada participante pode confeccionar armadilhas que foram distribuídas nos canteiros cultivados com hortaliças (Figura 6 B). Na sequência, foram realizadas observações em armadilhas de coleta de moluscos (lesmas e caracóis) instaladas na horta no dia anterior pela equipe executora. Essa ação educativa despertou muito o interesse e a curiosidade dos participantes, que passaram a observar e questionar “O que é isso?” para todos os insetos que encontravam no espaço da horta.

Figura 6. Cobertura do canteiro com material vegetal seco para proteção do solo e controle de plantas espontâneas (A) e armadilhas amarelas para controle alternativo de insetos (B).



FONTE: Arquivo do projeto.

Um aspecto importante a destacar, foi que a partir da 3ª oficina, os adolescentes experimentaram a oportunidade de colher as hortaliças que eles mesmos haviam plantado (alface crespa, lisa e americana, rúcula, rabanete, pepino, cenoura e beterraba), e levar para o consumo junto às suas famílias (Figura 7). Além da colheita de outras espécies como espinafre, almeirão, salsa, cebolinha e hortelã disponíveis na horta. Por mais que essa ação pudesse parecer simples, perceptivelmente era o momento mais esperado por todos.

Figura 7. Colheitas das hortaliças: (A) cenoura e (B) beterraba semeadas e cultivadas pelos adolescentes.



FONTE: Arquivo do projeto.

Ao final do projeto foi realizada uma roda de conversa, de forma conjunta entre os participantes e a equipe executora, oportunizando a socialização das experiências vivenciadas e a expressão da opinião sobre o aspecto mais importante do projeto horta para cada um dos envolvidos (Figura 8). Surpreendentemente, a possibilidade de levar hortaliças para casa, e o impacto positivo dessa ação no âmbito e acolhimento familiar foi levantado pela grande maioria dos participantes. Conforme relatos dos adolescentes sobre os itens levados na sacola de hortaliças: “Foi muito bom, pois não precisávamos comprar, esses produtos são muito caros no mercado e vem com agrotóxico. Assim, levávamos produtos naturais e frescos para nossa família”.

Figura 8. Roda de conversa entre participantes e equipe executora para socialização das experiências e opiniões sobre as ações desenvolvidas durante o projeto.



FONTE: Arquivo do projeto.

De maneira geral, as manifestações foram bem positivas em relação às atividades, e a experiência de acompanhar e participar ativamente da produção de alimentos, declarando que foi muito bom saber como semear, plantar, irrigar e cuidar das plantas, com destaque para a narração de um dos adolescentes: “Aprendemos a dar valor ao alimento que chega até nossas casas através do produtor” (S.I.C, participante das oficinas).

A equipe gestora do CCICA também avaliou de forma positiva as ações executadas, indicando que o projeto atendeu as expectativas, pois proporcionou oficinas com atividades diferentes das quais a entidade oferece aos adolescentes, uma vez que o contato com o solo a produção e o consumo dos alimentos foi de grande relevância. A gestão da entidade destacou ainda, como aspectos positivos do projeto Horta, a oportunidade de participar de projeto de extensão da UTFPR; compartilhar de momentos prazerosos na prática, fora do ambiente de sala, e o incentivo aos adolescentes a ter hábitos saudáveis.

A avaliação de satisfação aplicada aos acadêmicos da equipe executora indicou que a participação no projeto de extensão proporcionou crescimento pessoal, em diferentes aspectos, desde a importância de aprender sobre assuntos diferentes da sua área de formação, as trocas de conhecimentos, o convívio com colegas e com o público externo, a aproximação com uma realidade social diferente, a promoção do autoconhecimento, entre outros.

Sobre a análise individual em relação à participação em projeto de extensão, foram selecionados os comentários de duas acadêmicas voluntárias integrantes do projeto:

Uma experiência que gostaria de repetir, pois abriu um mundo de informações, ter que organizar e ao mesmo tempo executar as oficinas me ajudou a crescer. Os adolescentes fizeram parte de todo o trabalho proposto, sempre interessados (A.V.T).

A experiência que tive nesta execução foi que a maioria dos adolescentes se sentiu importante em participar das oficinas, a coordenadora do projeto, a equipe executora e a diretora do CCICA estavam empenhadas em um mesmo objetivo, de que os participantes das oficinas colocassem a mão na terra. A maior experiência que eu tive, foi de aplicar as técnicas em casa, aumentando assim minha renda familiar com uma horta onde vendi vários tipos de verduras (C.M.C.S).

Nesse sentido, a execução de projetos de extensão não gera retornos positivos somente ao público atendido, mas também, aos envolvidos nas ações, corroborando com Sebrão et al. (2019) quando menciona que a experiência extensionista é uma oportunidade muito rica na formação dos alunos.

4 Conclusões

A extensão universitária através da execução do projeto promoveu o envolvimento direto da universidade com a comunidade, atuando de forma efetiva em problemas reais. Além de valorizar a formação humana do corpo discente dentro da universidade pública, por proporcionar aos futuros profissionais um olhar solidário com o próximo, e aproximação com entidades sociais que possivelmente não teriam acesso se não fosse através de projetos de extensão.

Outros pontos importantes que o projeto proporcionou foi o trabalho em equipe, a complementação na alimentação familiar dos adolescentes com produtos cultivados no CCICA, o incentivo aos adolescentes por uma alimentação mais saudável, já que ao plantar seu próprio alimento, esse gesto passa a ter mais valor e o participante da ação acaba mais interessado a conhecer e experimentar novos alimentos que até então não conhecia ou tinha acesso, seja por falta de hábito, ou por não terem condições de comprar.

As ações de extensão promoveram maior visibilidade da instituição de ensino junto à sociedade, através da divulgação do projeto em reportagem publicada em meios eletrônicos de comunicação pela imprensa local.

Referências

ABRAMOVAY, Mirian et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO/ BID, 2002. Disponível: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127138_por Acesso: 09 jul 2020.

CHIERRITO-ARRUDA, Eduardo et al. Percepção ambiental e afetividade: vivências em uma horta comunitária. **Ambiente & Sociedade**, v.21, 2018.

COELHO, Denise Eugenia; BÓGUS, Claudia Maria. Vivências de plantas e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.25, n.3, p.761-771, 2016.

HORTA SOLIDÁRIA. **Alimentando cidadania**. 2017. Disponível em: <http://www.selosocial.com/projeto/1315> Acesso: 11 abr 2019.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar**. 2010. Disponível em: <http://www.aconchegodf.org.br/biblioteca/artigos/artigo01.pdf> Acesso em: 09 jul 2020.

SEBRÃO, Graciane Daniela et al. "IFSC Consciente": desenvolvimento de práticas de conscientização ambiental. **Caminho Aberto: Revista de Extensão do IFSC**, n. 10, 2019.